



Homenagem ao mestre Jacó

ISA ETEL KOPELMAN

**“Apenas a ação é viva,
mas só a palavra permanece”
(Eugene Barba).**

N

a tradição filosófica, a arte da conversação ou do debate (*dialektikê*) é, fundamentalmente, o processo de raciocínio que leva à obtenção da verdade e do conhecimento¹. Em Platão, o recurso a essa formulação serve à exposição de seu pensamento dialético. Do ponto de

vista teatral, o diálogo é um dos avatares da comunicação vivenciada entre os sujeitos. Aristóteles, que caracteriza o drama por meio da ação, destaca no diálogo o motor da cena dramática. No teatro aristotélico, as ideias e as fábulas acontecem, são vividas, por meio do diálogo. Na perspectiva das teorias e das pedagogias teatrais, a forma dialógica tem sido amplamente utilizada, não meramente como instrumento de retórica, mas como via de conhecimento. O embate, o *agon*, subjacente ao dialogismo, recorre a esse procedimento como um modo possível de apreender o mundo, de processar e de elaborar a produção intelectual e emocional. Pensamos n’*O Paradoxo do Comediante* de Diderot e na “Segunda Noite” de *A Compra do Latão* (1939-40) de Brecht. Porém, a situação específica de aprendizagem em aula, do processo didático da cena tem em Stanislávski seu maior autor. N’*A Formação do Ator*



J. Guinsburg, a Cena em Aula – Itinerários de um Professor em Devir, organização de Rosângela Patriota e J. Guinsburg, São Paulo, Edusp, 2009, 552 p.

**ISA ETEL
KOPELMAN**

é pesquisadora e professora de Estética Teatral e Dramaturgia na Unicamp.

¹ Verbetes “Dialética”, in Simon Blackburn, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997, p. 99.

e n' *A Construção do Personagem*, o modo de interlocução do professor/autor com seus alunos revela o conjunto de técnicas interiores e exteriores em que o ator deve se expor e expor uma experiência vivida. Essa espécie de diálogo de dupla enunciação remete o leitor ao interior da cena apresentada, revelando uma íntima associação da teoria à prática.

Em um ensaio sobre a natureza e as estruturas do teatro – “Diálogos sobre a Natureza do Teatro”² –, J. Guinsburg, na trilha de seus antecessores, reencena a situação de aula como uma arena de discussão de conceitos de estética. No modo de oralidade, portanto, o autor segue uma via de reflexão sobre o fenômeno teatral e as teorias a ele relacionadas. Na condução desse trabalho, o professor examina os elementos operativos fundamentais da cena dramática, envolvendo os alunos no debate sobre a relação entre texto, ator e público. Detendo-se na investigação dos elementos teatrais, Guinsburg torna esses conteúdos em uma teatralidade, na qual o professor e os alunos são os atores e o leitor é o espectador. A partir das proposições iniciais e tendo como premissa o texto teatral enquanto elemento de organização e intencionalidade da cena, a discussão se estabelece desdobrando temas. Da assunção da máscara à definição do ator, da instauração do espaço do jogo à relação entre ator e público, entre criador e receptor, o professor elabora com seus alunos as reflexões sobre a corporeidade e os seus signos.

A marcação teatral do registro didático, em que o próprio diálogo desencadeia um jogo de reflexões dos sujeitos envolvidos no processo do conhecimento, ocupa um espaço vital na belíssima obra editada pela Edusp: *J. Guinsburg, A Cena em Aula – Itinerários de um Professor em Devir*, com organização de Rosângela Patriota e J. Guinsburg. O título, a organização e a nomeação dos capítulos reiteram o perfil de teatralidade do livro, que tem como foco irradiador as aulas do professor Guinsburg em seus cursos de crítica e estética teatral na Escola de Arte Dramática de São Paulo e nos cursos de graduação e pós-graduação

da ECA-USP. Na composição da obra, registros, anotações de aula, ensaios, traduções, depoimentos de ex-alunos, e um vibrante relato de Guinsburg que expõe não somente a erudição e a extrema agilidade intelectual de seu autor, mas também a presença marcante de um debatedor, articulador, tradutor, ensaísta e, sobretudo, um grande humanista. Em *A Cena em Aula*, mesclam-se arte e vida, informação teórica e artística, imaginação e ação, todo um conjunto heterogêneo de investigação teórica, ensaística, homenagem e memorial em uma nova e original feição de escritura.

Os dois capítulos iniciais constituem o núcleo teórico do livro, o verso e o reverso de um processo de reflexão estética e crítica. No primeiro capítulo é apresentado o diálogo em sala de aula. A discussão, voltada para o fenômeno teatral, revela uma rede temática cujos fundamentos prenunciam os trabalhos teatrais posteriores à década de 1980. No segundo capítulo, Guinsburg descortina o material que apoia a elaboração prévia das aulas. Embora alinhadas às temáticas, às produções artísticas e teorias que circulavam nas décadas de 1970 e 1980, as questões que aí se apresentam são precursoras de futuras proposições do trabalho teatral, no campo da teoria e da criação, que se estabelecerá mais radicalmente na passagem para o século XXI. Assim, a abrangência e a consistência dos conceitos aí analisados situam o leitor no panorama da produção teórica e artística que vem se desenvolvendo desde então pelas vias da semiologia e da antropologia teatral, das teorias da *performance* e da performatividade, do estatuto do ator, dos estudos interdisciplinares do espetáculo e das distinções entre texto e cena.

Esse amplo espectro de temas tem início com a discussão do fenômeno teatral em suas origens na manifestação ritual. A partir da premissa de um prototeatro com capacidade potencial de representação, simbolização e formalização, são investigados os seus aspectos sincrônicos e as conexões com a teoria dos gêneros com base nos conceitos da teoria literária. Na interlocução com *O Teatro Épico*, obra do

2. J. Guinsburg, *Da Cena em Aula*, São Paulo, Perspectiva, 2001.

professor Anatol Rosenfeld, Guinsburg aborda as questões referentes à lírica, à épica e ao drama, destacando os aspectos fluidez e contaminação das formas no interior da obra. Detendo-se no exame das poéticas cênicas do século XX (Appia, Gordon Craig, Artaud, Brecht, Stanislávski, Meyerhold), Guinsburg discute antinomias, confrontos do antigo com a modernidade, em autores e correntes artísticas que colocam em relevo os processos de historicização (Schiller, Büchner e outros) na retomada da obra clássica em um tempo presente.

O fenômeno é abordado não só do ponto de vista da diacronia, mas também da sincronia. No tópico “Representação – Jogos Teatrais”, as questões referentes ao caráter da ficção teatral e de seus suportes – o jogo do ator, os processos de recepção e as afetividades – são examinadas nessa dupla perspectiva. Se, de um lado, uma organização de estruturas, signos e valores garante a transitoriedade da obra, de outro, as formas cênicas, as práticas de representação e os jogos teatrais apresentam-se em sua transitoriedade.

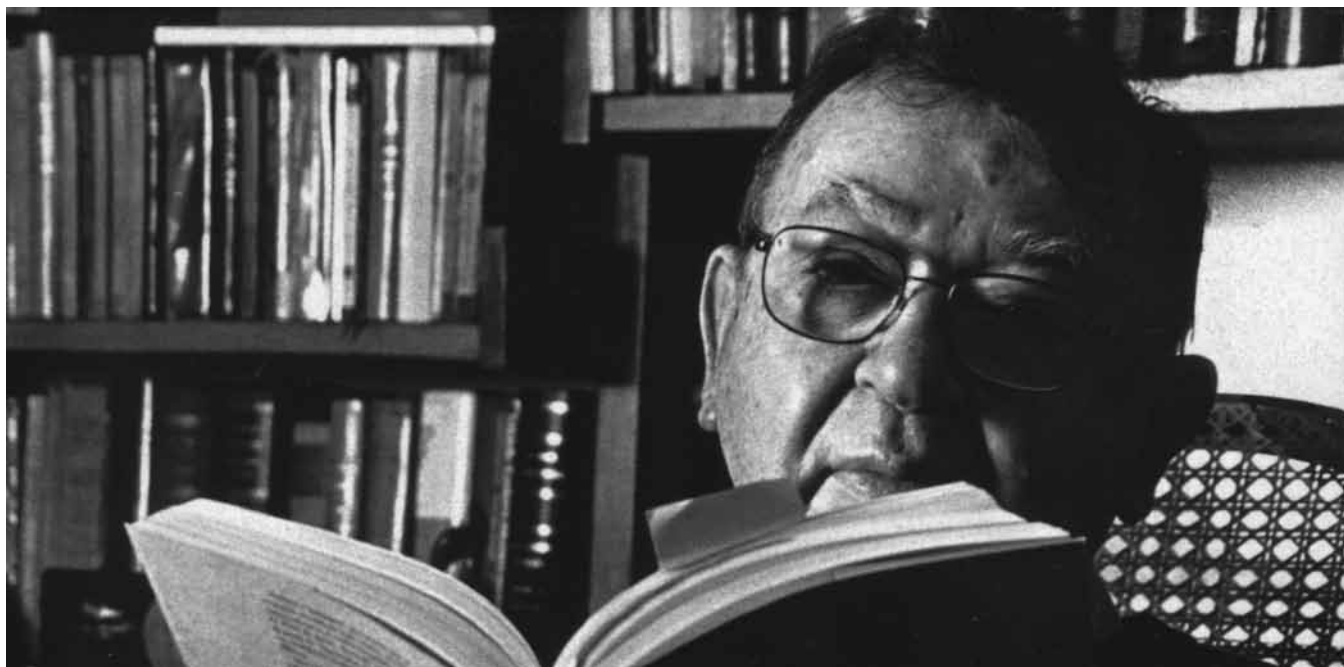
Outro tema fundamental nesse tópico é a distinção entre a ação cênica e a ação ficcional do registro dramatúrgico. Na leitura fenomenológica de Guinsburg, a performatividade do ator está sempre contaminada de uma valoração simbólica, de uma potencialidade sógnica, portanto, de uma dramaturgia na qual intervêm o ator e o espectador. Na outra ponta, a escrita dramatúrgica, considerada em primeira instância como literatura, é um documento em aberto capaz de comportar releituras e agregar conquistas formais em suas transposições para o palco. Nas discussões que envolvem a relação textualidade/performatividade, Guinsburg reconhece a primazia da cena sobre o texto literário e, na medida em que este não é mais considerado o eixo central da cena, adquire, enquanto dramaturgia ficcional, estatuto de registro poético e documento. O tema do confronto entre texto e representação merece uma atenção maior, que não cabe no limite deste ensaio. A fenomenologia e a semiologia têm posições distintas a esse respeito. Em

um ensaio sobre o assunto, o pesquisador Patrice Pavis argumenta que o fato de texto dramático e representação responderem a sistemas semiológicos distintos impede de situá-los no mesmo plano ou espaço teórico³. As proposições de Pavis são interessantes pois favorecem o aspecto operativo e pragmático do trabalho teatral. No entanto, a discussão proposta por Guinsburg é mais abrangente, relacionando os processos do conhecimento a uma ontologia, às feições mais gerais da realidade.

Na busca da especificidade do fenômeno teatral, Guinsburg descreve o objeto em seus mais variados aspectos, iluminando o leitor com a precisão de seus argumentos. Desse modo os temas da valoração simbólica e da potencialidade sógnica são admiravelmente retomados no tópico que discute o realismo no teatro. Pela via da epistemologia e da estética realista, Guinsburg apresenta a sua leitura da fundamentação mimética do teatro, relacionando a prática de representação ao fenômeno do real. Partindo da percepção de duas funções necessárias “à configuração do universo cênico: a concreção mimética e a articulação significativa” (J. Guinsburg, p. 87) e com base na ideia do campo simbólico como instituinte do mundo em que vivemos, Guinsburg argumenta que o próprio trânsito dos elementos simbólicos entre o mundo real e o ficcional relaciona necessariamente essas duas instâncias. Desse modo, a natureza mimética do fenômeno teatral é reintegrada à chave da diacronia; a ficção teatral legitima-se pela “representificação” e pela “reapresentação” de elementos simbólicos da vida dos homens; e os elementos de criação teatral constroem esteticamente as semelhanças da obra com a sua época.

Na abordagem do tópico que se refere ao gesto, Guinsburg detém-se no exame de uma teatralidade inserida no contexto da cultura, do seu tempo, e analisada em seus limites. Na medida em que a teatralidade se lança cada vez mais em territórios híbridos, o tema da performatividade adquire um caráter relevante na descrição dos mecanismos de constituição de sentido da cena. Desse

3 Patrice Pavis, “Um Texto para o Palco: um Parto Difícil”, in, São Paulo, Perspectiva, 2008, pp. 21-42.



**O professor
J. Guinsburg**

modo, o valor de *representação* é concebido como o resultado de um jogo de forças entre as estruturas teatrais e os fluxos energéticos – gestuais, vocais, libidinais – atuantes na *performance* e gerando processos instáveis de manifestações cênicas. São duas realidades em ação. Essas questões são retomadas no fino exame das relações entre ator, texto e cena, no fechamento do capítulo. Aí são examinadas duas vias antinômicas, exemplares e referenciais da teatralidade moderna, o sistema de Stanislávski e a poética de Meierhold.

A oralidade de em “Em Cena – Nos Diálogos” traduz os debates vívidos e contagiante em situações de aula. Acompanhamos com emoção esses diálogos engajados na busca do conhecimento, sintonizados com as indagações e com a condução das reflexões aí registradas. No decorrer da leitura, deparamo-nos com um corte nesse modo de enunciação. Outra forma discursiva é introduzida no segundo capítulo, intitulado “Nos Bastidores”. São as anotações de apoio didático, as leituras, os comentários, todo um conjunto de reflexões e leituras que destacam a interlocução de Guinsburg com a história da arte, a filosofia, a teoria literária. Uma preciosa

antologia de textos, manifestos, poemas, em grande parte traduzidos por ele, e de ensaios, seus e de outros autores, é oferecida ao leitor. São textos que transitam da filosofia à literatura, da história à semiótica, da teoria dos gêneros às formas teatrais, das correntes críticas aos estilos literários, do teatro antigo ao moderno, de Brecht a Ionesco, da concepção aristotélica grega ao vazio beckettiano. Guinsburg compõe as observações de aula com fragmentos de obras, comentários e apresentação das modalidades teatrais ao modo de verbetes de uma enciclopédia, apontando as preferências, as escolhas significativas que relacionam atos, ideias, fatos, aos artefatos da cultura. O elemento lúdico intervém nessa organização, que se assemelha um pouco a um almanaque, um pouco a uma pequena enciclopédia, e outro tanto a uma antologia. A leitura prazerosa advém da vivacidade e da descontração com que o autor compartilha com o leitor desse repertório tão belo e interessante.

No terceiro capítulo, “Do Público, da Recepção – Depoimentos”, uma elipse no tempo. A mobilização de outras vozes, com depoimentos de gratidão e afeto de seus ex-alunos e colaboradores, que traduzem

o legado do mestre nos corações e nas mentes de muitos que são hoje atuantes na área acadêmica e artística brasileira. São depoimentos que expressam o alcance de sua influência e o significado de sua atuação na vida das pessoas que com ele se relacionam, direta ou indiretamente.

São vozes que falam da ponte entre o conhecimento e a criação – “Ele nos fazia perceber que os escritos estéticos ou as análises históricas não eram letra-morta, mas instrumentos capazes de agir sobre nossas experimentações em sala de ensaio [...] não se tratava de uma teoria aplicada, mas sim, o encontro com a potência criativa geradora do pensamento e da reflexão”, Antonio Araújo, p. 449 –, do trabalho colaborativo, de aprendizado mútuo e generosidade, na construção de um bem comum de ideais e conhecimento.

“Ensinávamos tudo que sabíamos ao Jacó. E ele aprendia – como depois aprendemos a aprender, com ele. E que belo aluno era aquele professor! Atento, curioso, respeitoso; arguto, pertinente, questionador. Naquela mesa de tantas vozes e tantos professores, talvez fosse ele o único aluno de verdade. E com este grande aluno aprendíamos, numa graciosa relação eu-tu, que justamente essa experiência buberiana, urdida na paixão e na linguagem e na paixão pela linguagem o que os tornava teatrantes. [...] os encontros descritos aqui tinham algo de transformação dos elementos – ou ainda a criação de um novo elemento! Tantas vezes vi realizar-se à minha frente o milagre borgiano do homem que assegura a paz no mundo quando tem o prazer de descobrir a inesperada etimologia de uma palavra... Com que prazer acompanhávamos o circunvoluir de um raciocínio genológico a partir de uma insuspeita palavra suspeita, caçada como se fosse ao acaso pelo Jacó. Numa crescente e doce tensão, da qual não tínhamos pressa alguma em escapar” (Bosco Brasil, p. 454).

Guinsburg, como professor, orientador, editor e autor, nas diversas áreas de sua atuação, estabelece uma rede de afetividade,

conhecimento e investigação, conferindo um sentido maior aos padrões de conhecimento acadêmico.

No fechamento do livro, no capítulo 4, é o protagonista quem dá seu testemunho. Em uma fascinante narrativa pessoal, revela-se o intelectual e o humanista. Entrevistado, Guinsburg conta sua vida, fazendo um relato de sua participação na produção intelectual brasileira desde meados do século XX até agora. Em seu percurso de autodidata, o autor contempla-nos com sua vivência nas diversas áreas em que atuou.

O surgimento de sua *persona* pública dá-se em um contexto de ideais revolucionários e engajamento político, muito próximo da comunidade de imigrantes judeus de esquerda que vivia no Brasil na época da guerra, escrevendo para revistas da comunidade e ligada às atividades do teatro ídiche em São Paulo. Depois de ter trabalhado como tecelão e comerciante, durante certo período, Guinsburg inicia sua carreira editorial fundando a Editora Rampa, onde publica quatro obras da literatura ídiche. Paralelamente, cria um grupo de estudos dedicado principalmente ao marxismo e, posteriormente, na década de 1950, cria um novo grupo voltado à filosofia e epistemologia, coordenado pelo professor Anatol Rosenfeld. J. Guinsburg trabalha ainda na editora Difel, de onde parte como bolsista em editoração. No retorno, começa a trabalhar da EAD na cadeira de crítica teatral e, com a passagem dessa escola para a USP, é convidado a lecionar na ECA, onde cria a disciplina de Estética Teatral. Funda então a Editora Perspectiva, onde edita até hoje obras seminais do trabalho e das ciências humanas.

Os ideais de juventude estão presentes ao longo dessa jornada exemplar compartilhada com pessoas com as quais ele viveu e trabalhou, e para as quais abre um espaço generoso ao longo da narrativa. Surgem dessa narrativa emocionante imagens de tempos pretéritos que, como cenas em devir, vão compondo o perfil e a trajetória de um homem, em suas ações transformadoras, a nos lembrar a possibilidade de um mundo melhor.